

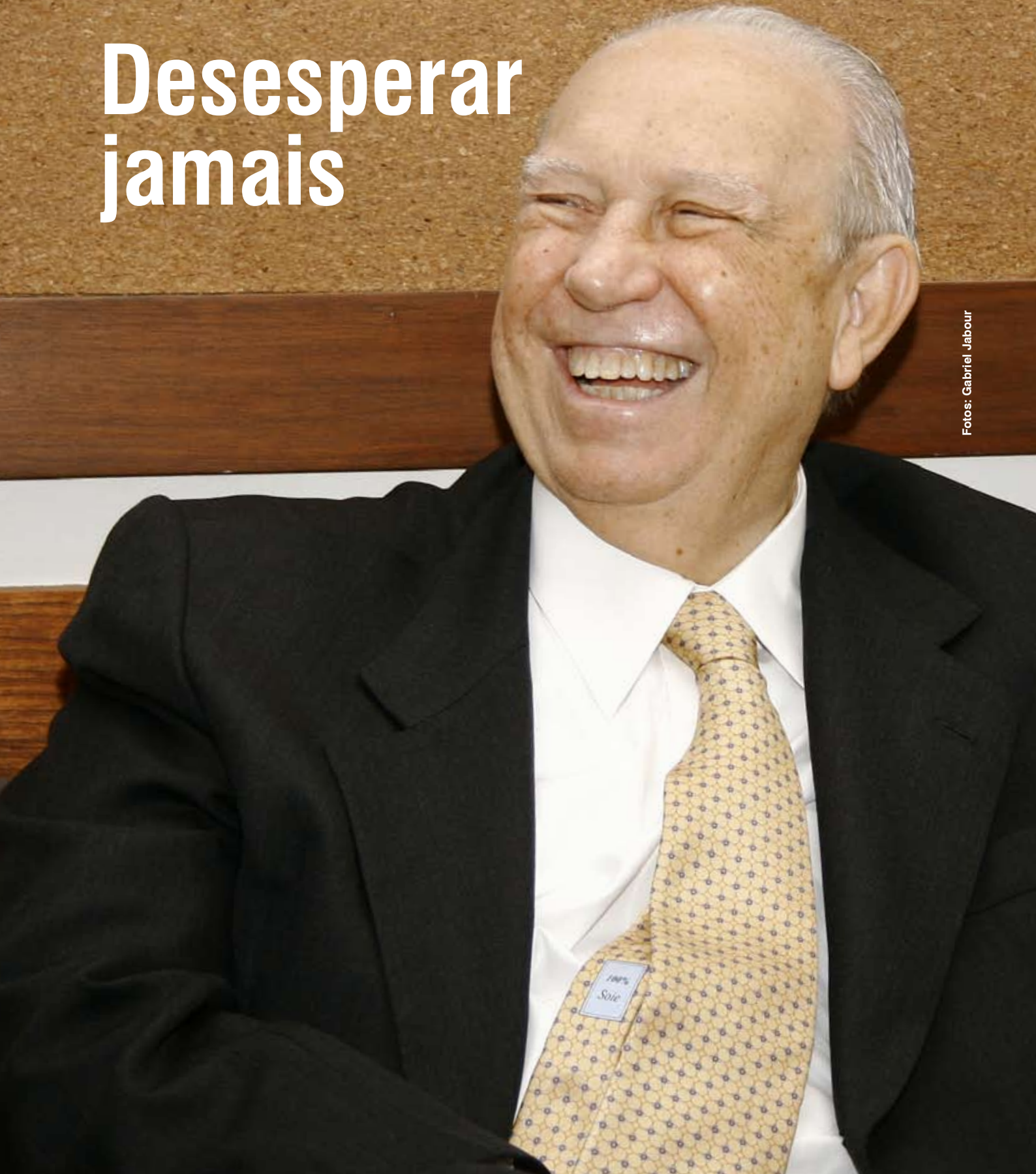
entrevista

JOSÉ ALENCAR

Empresário e vice-presidente da República

Desesperar jamais

Fotos: Gabriel Jabour



“Eu não tenho medo da morte, pois a morte faz parte da vida. Tenho medo, sim, da desonra, pois todo homem público deve ter medo da desonra”

Postura altiva, passos firmes e um sorriso franco. Assim o vice-presidente da República, José Alencar, entrou no Instituto Nacional de Câncer (INCA), na tarde de 27 de novembro, para a comemoração do Dia Nacional de Combate ao Câncer. A convite do Diretor-Geral do INCA, Luiz Antonio Santini, Alencar deu o seu testemunho de luta contra a doença para uma plateia repleta de médicos, jornalistas e profissionais de saúde. “O INCA tem feito um trabalho admirável”, afirmou, referindo-se, em especial, às perspectivas de aumento da chance de vida para pacientes portadores da doença na infância e na adolescência.

Com bom humor e disposição, Alencar é capaz de arrancar risadas da plateia, mesmo diante de assuntos complexos como a doença, com a qual convive há quase 12 anos. Em um discurso de cerca de uma hora – proferido de pé e lembrando mais uma prosa do mineiro de Muriaé entre amigos –, Alencar contou que enfrenta a doença como tem enfrentado a vida. Ele começou a trabalhar aos 7 anos de idade, ajudando o pai em sua loja. Independente cedo, aos 18 anos, já iniciava o próprio negócio.

Hoje, aos 77 anos, José Alencar Gomes da Silva é casado com Mariza Campos Gomes da Silva e tem três filhos. Destaca-se como um dos maiores empresários do estado de Minas Gerais. Na vida política, foi presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais e vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria. Candidatou-se às eleições para o governo de Minas Gerais em 1994 e, em 1998, disputou uma vaga no Senado Federal, elegendo-se com quase três milhões de votos.

Eleito vice-presidente da República na chapa do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu o cargo em 2003 e conseguiu a reeleição em 2006, assegurando, assim, a permanência no cargo até o fim de 2010. “Se Deus me curar, aí eu terei que cumprir com meu dever político”, disse, recentemente, aos jornalistas no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, após realizar exames de rotina e de se submeter a um procedimento em janeiro.

E foi nessa cirurgia, no início do ano, que o Brasil vivenciou mais intensamente o drama do vice-presidente, que passou por uma operação de 18 horas para a retirada de novos tumores no abdome, ficando internado durante 27 dias. A operação foi a mais radical na sua luta contra o câncer, iniciada em 1997. Mas, em momento algum, demonstrou desespero ou desânimo. Recentemente, iniciou um tratamento

experimental, com um novo medicamento, ainda em fase de pesquisa, no Centro Oncológico MD Anderson, em Houston, nos Estados Unidos.

Sempre se mostrou confiante em sua recuperação e no tratamento proposto pelos médicos. Além da tecnologia, das equipes médicas de alto gabarito e dos medicamentos, o vice-presidente tem a sua receita de saúde, que compartilha com a população: “O desespero não ajuda.”

REDE CÂNCER – Como e quando o senhor descobriu o câncer?

JOSÉ ALENCAR – Descobri o câncer há quase 12 anos, em 1997, ao fazer um *check-up*, pela primeira vez na vida, a pedido de um sobrinho-neto. Na ocasião, fiz exames de sangue e de imagem. Apareceu, então, uma imagem tumoral no rim direito e a ressonância confirmou um tumor incipiente capsular no rim direito, segundo os médicos. Imediatamente, meu sobrinho me levou ao médico Miguel Srougi, que pediu que eu fosse a São Paulo para realizar novos exames no abdome. Antes de operar no Hospital Sírio-Libanês, fiz uma endoscopia gástrica, que revelou três nódulos no rim e outros três no estôma-





“A prevenção ainda é o mais importante. O paciente, quando está atento, pode ajudar o médico. Então, é sempre necessário fazer *check-up*”

go. Fui, então, operado duplamente para a retirada dos tumores. Era 23 de dezembro. Como o tumor era incipiente, foi extirpado, mas tive que retirar o rim direito também. No entanto, não precisei fazer quimioterapia nem radioterapia. Mais tarde, retirei a vesícula, três quartos do estômago e, mesmo assim, continuo brigando até hoje.

REDE CÂNCER – Em 2006, em um exame periódico, foi diagnosticado um novo tumor e o senhor estava em plena campanha presidencial. Qual foi a sua reação?

JOSÉ ALENCAR – É verdade. Fui fazer exames periódicos, que, no meu caso, fazia a cada três meses e descobriram um tumor retroperitoneal, chamado de sarcoma em tecido mole. Esse era um tumor mais raro, com característica recorrente, segundo os médicos me informaram porque eu gosto de saber tudo a respeito do problema. Eu estava em plena campanha e, então, liguei para o Lula e dei a notícia, dizendo que ele arrumasse outro candidato a vice porque eu teria que ser operado novamente. Ele não quis conversar e preferiu me manter no posto. Eu, então, ope-

rei num dia e, quatro dias depois, estava inaugurando um comitê de campanha em São Paulo. Tirei os pontos da cirurgia e fui direto fazer campanha. A única recomendação médica era não participar de pé em carreta de caminhão, porque o local da operação não tinha cicatrizado direito e poderia trazer complicações. Deus tem me dado força!

REDE CÂNCER – O senhor nos dá uma aula de otimismo e cidadania ao enfrentar a doença com tamanha coragem e disposição. O senhor não tem medo de morrer?

JOSÉ ALENCAR – Eu não tenho medo da morte, pois a morte faz parte da vida. Então, por isso, não tenho medo da morte. Tenho medo, sim, da desonra, pois todo homem público deve ter medo da desonra.

REDE CÂNCER – Pela experiência em enfrentar a doença e seus tratamentos, o que o senhor acha que pode ser feito para melhorar as condições dos pacientes com câncer no Brasil?

JOSÉ ALENCAR – Eu gosto de contar a minha história em detalhes para que sirva de estudo de caso para os médicos. Acredito que, se os médicos puderem fazer intercâmbios e se atualizarem cada vez mais a respeito do câncer, os pacientes sairão ganhando. É preciso que haja uma evolução no tratamento dessa doença para que os pacientes fiquem mais seguros sobre o que estão fazendo nos hospitais. É claro que o diagnóstico precoce é fundamental para evitar o pior. Mas, além de precoce, tem que ser seguro, e o tratamento adequado. Considero muito importante que sejam realizados



encontros regulares e periódicos entre oncologistas em todo o Brasil para a troca de experiências. Eu me considero um paciente que tem paciência. Se não existisse essa palavra, eu a teria criado. Mas devo aproveitar a oportunidade para dar um depoimento de quem não é médico e que está do outro lado. Tudo isso pode representar informação necessária para chegar a um bom resultado. Eu falo essas coisas no sentido de colaborar, e não de criticar.

REDE CÂNCER – Expondo a doença publicamente, seu depoimento vale mais do que muitos discursos a respeito das possibilidades atuais do controle do câncer. Para o senhor, qual a importância da comemoração do Dia Nacional de Combate ao Câncer, festejado em 27 de novembro?

JOSÉ ALENCAR – Um dos objetivos da data é justamente disseminar informações atualizadas a respeito da doença, que hoje já é considerada um grave problema de saúde pública, dado o seu impacto social e a sua magnitude. Anualmente, o Brasil registra 500 mil novos casos de câncer com 150 mil óbitos. No entanto, é também em datas como essas que podemos divulgar notícias mais esperançosas, como o percentual de 85% de chance de cura no caso do câncer infanto-juvenil, se tratado precocemente, o que é um gigantesco desafio. Além disso, é o momento de reforçar a importância da prevenção e do diagnóstico precoce da doença.

REDE CÂNCER – Qual a sua esperança em relação à evolução do tratamento para o câncer?

JOSÉ ALENCAR – Outro dia eu me lembrei da cura da tuberculose. A tuberculose era pior do que

“Devo aproveitar para dar um depoimento de quem não é médico e que está do outro lado. Isso pode ser informação para chegar a um bom resultado”

o câncer, por ser contagiosa. Então, no passado, quando ainda não se sabia muito sobre essa doença, as pessoas tuberculosas criavam dificuldades até para a família dos doentes, que se sentia excluída do convívio social. Quando surgiu a cura, no fim da década de 1940, um jornal chamado *O Correio da Manhã*, famoso matutino carioca, publicou na primeira página, em letras garrafais: Hidrazida do ácido isonicotínico, que devia ser o nome científico do remédio. Então, precisamos encontrar um nome tão complicado quanto esse para anunciar também o fim do câncer.

REDE CÂNCER – O que o senhor recomenda para a população brasileira combater o câncer?

JOSÉ ALENCAR – A prevenção ainda é o mais importante a ser feito. É uma prova de que o paciente, quando está atento, pode ajudar o médico. Então, eu estou sempre reforçando a necessidade de se fazer *check-up*. Em especial depois dos quarenta anos, façam exames periódicos anuais. Eu tive a sorte de ter descoberto o problema no início e poder tratá-lo. |